



Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha

## **Faz tempo que não te vejo**

André Inácio Pereira Vieira Ramos

Orientador: Professor Doutor Fernando Poeiras  
Co-Orientadora: Professora Doutora Susana Gaudêncio  
Mestrado em Artes Plásticas / 2020



## **Agradecimentos**

À minha Mãe pelo brilho do céu.

Ao meu Pai, Irmã e Branquinha pelo amor e apoio incondicional.

Aos professores Fernando Poeiras e Susana Gaudêncio, pela disponibilidade, assertividade, afeição e ânimo.

Ao meu amigo Pedro Lira por não me deixar desistir.

Ao amigo Paulo Marques pela revisão da dissertação.

Aos meus colegas de turma, funcionários, professores e amigos que fizeram da minha estada nas Caldas da Rainha um lugar de lembrança e saudade, a todos estou eternamente grato.

## Resumo / Abstract

Este documento faz parte da componente escrita do mestrado em Artes Plásticas e tem como objetivo a reflexão sobre a minha prática artística desenvolvida ao longo dos últimos três anos. É a partir de temas sensíveis para mim que vou desenvolvendo o meu trabalho, são murmúrios, silêncios e poesia descritos com sinceridade, pois não consigo conceber outra forma de escrever uma dissertação. Faço uma abordagem e relaciono o meu trabalho com referências artísticas, com as quais considero existir um elo de ligação. As referências teóricas funcionam como alicerces do meu discurso, uso-as como parte integrada na explicação, reflexão e suporte do meu pensamento e prática artística. **A minha arte e a minha vida são o mesmo sujeito, elas alimentam-se mutuamente.**

Palavras-chave: Efêmero; Memória; Poesia; Silêncio; Murmúrio; Onírico

This document is part of the written component of the master's degree in Fine Arts and aims to reflect on my artistic practice developed over the past three years. It is from sensitive themes for me that I develop my work, they are murmurs, silences and poetry sincerely described, as I cannot conceive of another way to write a dissertation. I take an approach and relate my work to other artistic references, which I consider to be a link. The theoretical references are immense and work as the foundations of my speech, I use them as an integrated part in the explanation, reflection and support of my artistic thinking and practice. **My art and my life are the same subject, they feed each other.**

Keywords: Ephemeral; Memory; Poetry; Silence; Murmur; Dreamlike

## Índice

Resumo/Abstract.....	4
Introdução.....	6
Stencil - Memórias e Percursos na Cidade.....	8
Alfabeto – A Busca pelo Silêncio.....	16
Desenho – Poesia e Murmúrio Interior.....	21
Absoluta Presença – História a partir de um Desenho.....	33
Fotografia – Efemeridade de um Mundo Onírico.....	36
Um Quarto de Hóspedes.....	41
Conclusão.....	47
Bibliografia.....	48
Índice de Imagens.....	50

## Introdução

Ao escrever este texto tive a percepção dos vários caminhos que o meu trabalho tentou alcançar, movimentando-se em diversos terrenos, experimentando materiais e suportes, fazendo e refazendo ideias, olhando constantemente para dentro, aguçando ou amenizando o espírito. Não é fácil tentar descrever o trabalho que faço, pois nasce de impulsos, ideias, pensamentos, necessidades e silêncios. Ao analisar o meu trabalho, analiso-me. Apodero-me de textos que fui lendo e com os quais fui criando afinidades, faço minhas as palavras de muitos autores que fui citando e apresento alguns artistas por quem tenho admiração e apreço. À medida que fui olhando para o meu trabalho, iam começando a surgir diante de mim inúmeras possibilidades que, iluminadas pelo diálogo com outros autores, e assumindo a fala deles, se tornaram essenciais para perceber o porquê do meu próprio trabalho, ainda que não o esclarecendo na sua totalidade, mas ao menos indicando uma direção, um caminho, ou vários caminhos. O trabalho artístico não pode ser explicado na sua totalidade, é necessário deixar uma parte para a incerteza, divagação e impossibilidade.

O título da dissertação, “Faz tempo que não te vejo”, repete-se inúmeras vezes ao longo do texto, estando relacionado com a ideia de lembrança e saudade de um ente querido que perdi e tento recuperar, sabendo que tal não poderá acontecer, apenas em pensamento poderei vislumbrar a sua presença. Para o contexto do meu trabalho artístico estou interessado no efêmero que indica a volatilidade, fragilidade e o rumo passageiro das nossas vidas, da nossa condição humana. A memória enquanto ferramenta que me ajuda a navegar no tempo, ajudando a recuperar partes de uma existência e que tenciono trazer à vida. A poesia e a imagem poética estimulam o meu interesse, porque são tentativas de dar sentido à minha vida, um estímulo à continuação da minha prática artística, assim como o silêncio ou a ausência do ruído externo me fazem olhar para dentro, numa profunda introspeção. Os murmúrios que tenho comigo, transporto para o papel, eles estão presentes nos meus trabalhos, acompanhados muitas vezes por um mundo de sonho interior, um modo onírico de estar na vida, estando simultaneamente fora da mesma.

Ao longo do texto, perdoem-me a repetição, uso-a para reforçar as minhas ideias, a repetição das frases vem fortalecer as idealizações que considero serem as minhas verdades, que não são intocáveis nem imutáveis, são o que considero ser a essência do trabalho. Perdoem-me as incongruências e as mudanças súbitas de discurso e pensamento. A descrição do meu trabalho artístico assenta em conceitos concretos, são as recordações de uma vida que vivi. As mudanças de registo artístico e de pensamento é que tornam tudo um pouco imprevisto, até me atreveria a dizer abstrato. Mas conside-

ro que existe um fio condutor em todo o meu trabalho, tento desvendar o que poderá surgir no fazer do trabalho seguinte ou na força que coloco nas memórias e que regulam os trajetos e hesitações ao longo do caminho. Ao escrever este documento tive a plena percepção de que os trabalhos que desenvolvi falam muito e que não consigo escutá-los na totalidade, vou apenas descrevendo as suas melodias, as que tenho capacidade de escutar. Das referências teóricas destaco algumas tais como: Gaston Bachelard, Jean Genet, Walter Benjamin, Henri Focillon e também os escritos de Júlio Pomar. As referências artísticas são mais escassas, porque o meu trabalho é um olhar para dentro, evitando olhar muito para fora, contudo destaco as afinidades com os seguintes artistas: Matt Mullican, Ana Vieira, Ana Hatherly e Sol Lewitt.

A primeira parte é sobre o trabalho de *stencil*, um trabalho sobre as memórias e os percursos que faço na urbe, os percursos incessantes pelas ruas, numa procura, um chamamento. A segunda parte questiona e desvenda o alfabeto que desenvolvi e a busca pelo silêncio, a necessidade de silenciar o ruído provocado pelas palavras. Numa terceira parte abordo os desenhos a tinta-da-china, as minhas preces sobre papel, pequenos murmúrios, pequenos nada, um trabalho de catarse. Seguida de uma história da autoria de um amigo, que criou uma narrativa a partir de um desenho que disponibilizei, história que faço questão de salientar com outra letra e cor. Existem ao longo da presente dissertação quatro poemas, de autores pelos quais guardo muita estima, e eles existem para descrever o que sinto em relação ao trabalho, colocando esses espaços para o leitor respirar, interiorizar e refletir sobre o que lê e vê, poemas que destaco com outro tipo de letra e cor. O poema é um lugar de sonho e a razão por que destaco os quatro poemas e a história “Absoluta Presença” com outra tipografia e tonalidade é por serem elementos externos que aterrçam no meu texto para o enriquecer, mas que poderão provocar estranheza. São momentos extraterritoriais situados fora do texto principal, embora ambos se complementem mutuamente.

Dedico um capítulo às fotografias com recortes de papel, efemeridades de um mundo onírico, uma comunhão que nasce da ferida e da lembrança, são recortes de papel sobre fotografias. Por fim o último capítulo, denominado “um quarto de hóspedes”, relata os pensamentos na sua relação com a casa, com o cérebro que os acolhe. Ao longo da minha prática artística estabelece-se uma relação entre os pensamentos e o meu subconsciente, é uma procura incessante por tudo o que não encontro nome e que o fazer procura mostrar, mesmo quando as palavras falham.

## Stencil – Memórias e Percursos na Cidade

“Orientamo-nos nessa teia que habita a realidade com toda a nossa experiência vivida, com o que através dela aprendemos, guardámos como razão ou como sentimento, transformámos em símbolos, enigmas ou em portas abertas.”  
(Coutinho, 2007, p.7)

Percorro as ruas estreitas da cidade, por baixo dos pés sinto o seu batimento, é um organismo vivo, alimenta-se de mim e eu alimento-me dela. Tenho os pés cansados, tenho de continuar a caminhar, não posso *descaminhar* deste trajeto delineado no cérebro. O pensamento repousa no meu olhar pela cidade. Não consigo separar o meu trabalho da minha vida, a vida é um estímulo para a criação, apodero-me das imagens do mundo, uso-as, serei um ladrão de imagens ou um ser sensível às formas que me invadem, não importa, continuarei a viver na minha cabeça finita.

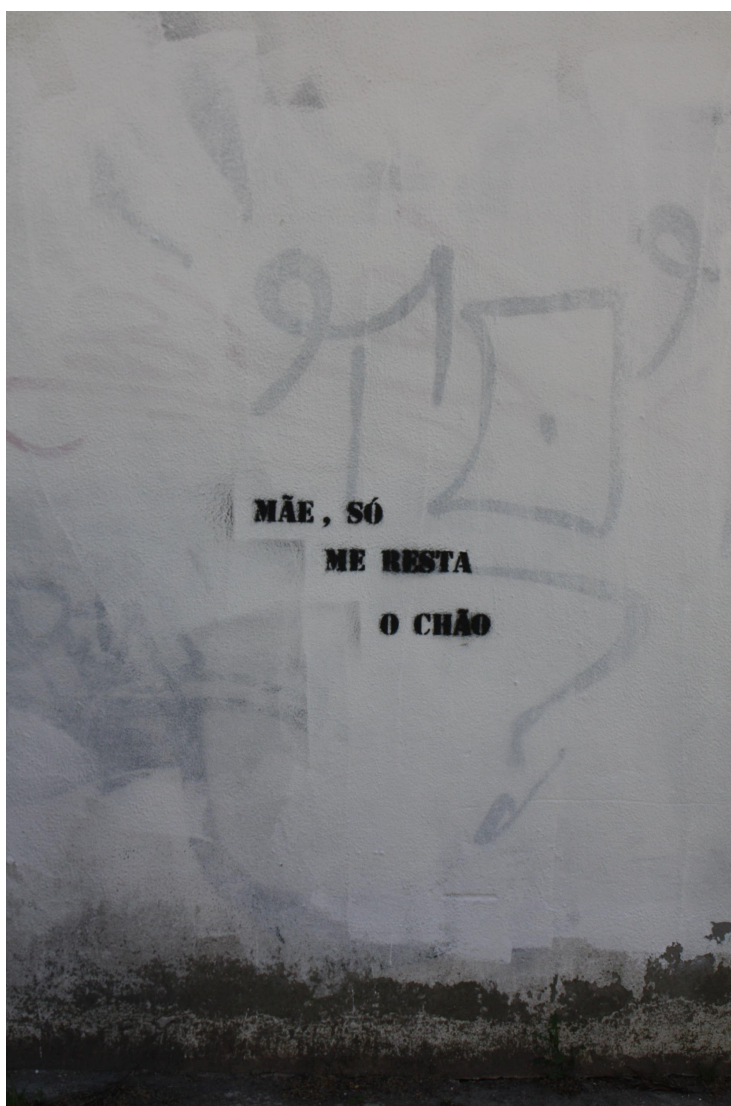
Citando Giacometti em conversa com Jean Genet, “se ela tiver força, acabará por mostrar-se, mesmo que eu a esconda” (Giacometti, 1988, p.42). Escondido no anonimato faço a criação do *stencil*, abandonando-as, essas imagens, pelas ruas, pelo silêncio das noites de outono, acredito que falarão com os demais, não tenho poder sobre essas imagens, não procuro recompensa, quero colocá-las em liberdade, porque aprisionado sinto-me desde sempre.

Júlio Pomar considera que “o *graffiti* é uma inscrição rápida, a despropósito das conveniências, a meio caminho entre o desenho e a caligrafia. Combinando o desenho e a escrita, no *graffiti* a escrita faz-se desenho e o desenho escrita” (Pomar, 2014, p.125). Esta ambiguidade presente em muitos *graffiti*, posso estendê-la ao meu trabalho de *stencil*, onde estão presentes gestos mais contidos, menos expressivos que o “*graffiti* livre”, mas que se relacionam com o desenho e com a escrita. Refiro-me a este trabalho em concreto como *stencil*, contudo poderia referi-lo por um outro nome, por exemplo *máscara*, não pela necessidade de esconder-me atrás da mesma, mas porque os orifícios presentes na máscara permitem observar alguma luz, algum objeto, da mesma forma que os recortes no papel permitem à tinta fazer a sua estampagem na superfície fria de uma parede.

Citando Michel Foucault, “podemos imaginar uma cultura em que os discursos circulassem e fossem recebidos sem que a função autor jamais aparecesse. Todos os discursos, qualquer que fosse o seu estatuto, a sua forma, o seu valor, e qualquer que fosse o tratamento que se lhes desse, desenrolar-se-iam no anonimato do murmúrio.” (Foucault, 2012, p.70) Todo o meu trabalho é um murmúrio, o protagonismo do autor desaparece, a obra ganha autonomia, e o autor desaparecerá, assim espero.

Estes trabalhos não os abandono por completo, faço visitas esporádicas, não sinto que sejam meus, são da cidade, dos estranhos, da passagem do tempo, da deterioração, do efêmero, da clandestinidade e da poesia.

Gaston Bachelard levanta várias interrogações poéticas, tais como: “de que vertedouro de um interior ramificado escoo a substância do ser? O exterior chama? O exterior não será uma intimidade antiga perdida na sombra da memória? O vão de escada, em que o silêncio ele ressoa? Nesse silêncio sentem-se passos abafados: a mãe volta para proteger o filho, como outrora.” (Bachelard, 2008, p.232) Fico com a sensação de que as perguntas trazem consigo a resposta, resta-me observar cada palavra, cada frase e esperar.



**Fig.1.** André Ramos, Sem Título, Tinta de Spray sobre parede, dimensões variáveis. 2017

Tenho o coração despedaçado, perdi a minha mãe. Recomeço depois de um ponto final, este meu ser alvoroçado, procura alguma coisa que reconforte, percorro as ruas em silêncio, mas tenho vontade de gritar, não posso fazê-lo, a minha timidez não o permite. Deito-me na cama, a casa está diferente, a ausência criou uma atmosfera melancólica, a memória traz-me momentos felizes, rio sozinho, enquanto a atmosfera amolece as minhas pálpebras, tenho os olhos cansados.

Adormeço e acordo, afinal não foi um sonho triste, perdi a minha mãe. Desenho, recorto papel, tenho de percorrer a cidade mais uma vez, estou demasiado sensível e os lugares chamam-me, marcarei algumas paredes, são lugares aleatórios que me prendem o olhar e fixam o pensamento, por alguma razão que não consigo decifrar. Não será um grito de revolta, são murmúrios interiores, símbolos que assumem o seu lugar no mundo, estou a criar imagens para o mundo, já que perdi a imagem mais bonita que tinha. Os passos da minha mãe ecoam pela casa, fazem eco no meu interior, tenho de encontrar solução para este nó que tenho na garganta.

Aparentemente estou calmo, embora a ramificação que se alastra do meu ser faça sombra nos lugares que habito, em desassossego faço o meu trabalho, estou inquieto. A solidão que me acompanha já faz morada e está entranhada nas minhas vísceras há muito tempo. Enclausurado no quarto, congestionado nos movimentos, a imaginação foge, não existe companhia como esta, a solidão ao meu lado, sonho e observo as imagens, os símbolos fazem a sua vez, querem mostrar-se perante as minhas retinas cansadas. Faço minhas as palavras do poeta Rainer Maria Rilke:

“brilhava assim só para ela, como um quarto vazio. A minha última esperança era então sempre a janela. Imaginava que lá fora poderia haver ainda alguma coisa que me pertencesse, mesmo agora, mesmo nesta repentina pobreza do morrer. Mas mal olhava para lá, desejava que a janela estivesse trancada, fechada, como a parede. Porque agora sabia eu que lá fora tudo continuava com a mesma indiferença, que também lá fora nada mais havia senão a minha solidão. A solidão que eu fizera desabar sobre mim e com cuja grandeza o meu coração já não estava em proporção.” (Rilke, 1998, p.117)

A sensibilidade com que encaro o mundo é a mesma quando olho para mim, estremeço perante a imprevisibilidade, as mutações constantes, a violência e o desprezo gratuito, as vidas penhoradas com horários por cumprir. O permanente desejo de fuga parece a solução, mas fugirei para onde, não sei, talvez caminhe mais uma vez pela noite que se abate a cada passo, só eu e a noite, mais uma vez, eu e a solidão, e por trás dos estores partidos haverá alguém só, alguém a quem o medo enclausurou, e o coração parece reticente em aguentar a grandeza de uma rua vazia, o chão está escuro, as luzes perdem sempre intensidade perante um olhar cansado, esta mágoa magoa.



Fig.2. André Ramos, Sem Título, Tinta de Spray sobre parede, 29 x 42 cm. 2017

Escolho as paredes segundo critérios que me transcendem, é aleatório, as paredes acenam para mim ao longe, e nunca mais me saem do pensamento. O meu trabalho e a minha vida são os mesmos sujeitos, é um compromisso com a verdade, a mesma que desenha as minhas cicatrizes e a pele áspera que nestes últimos tempos está a escamar. Faz tempo que não te vejo.

Interesso-me pelo trabalho da artista Ana Vieira devido às experiências humanas do dia-a-dia, e a seu propósito Liliana Coutinho faz questão de explicar que:

“através da sua experiência são convocados símbolos, vivências, histórias, experiências privadas que não são só as da artista porque resistem para além da sua biografia, mostrando como fazem parte de uma mitologia comum, quotidianamente renovada na vida particular de cada um de nós. É a partir dela que se define o interdito, é nela que se define o lugar da esfinge (...) nela vimo-nos refletidos, vimos o céu e as grades da janela, e é nessa experiência que podemos experimentar dentro de nós o desenvolver da consciência perceptiva.”  
(Coutinho, 2007, p.24/25)

A identificação do meu trabalho com o trabalho da artista Ana Vieira prende-se na sua essência pela abordagem da experiência da memória, da perceção e do ambiente de uma casa, a casa interior que mantemos viva ou adormecida. A forma como experimentamos o mundo e vamos observando através da nossa imaginação, abrindo janelas para o interior, para um mundo privado. A nossa atividade perceptiva sobre o mundo real e o permanente retorno a nós mesmos. A nossa experiência do quotidiano, as memórias da infância e dos lugares comuns despertam uma nostalgia capaz de desencadear, através dos labirintos da memória, uma força criativa que provoca o surgimento do objeto artístico.



**Fig.3.** Ana Vieira, Sem Título, 25 x 35 cm. 1973

É necessário fazer da nossa experiência no mundo um lugar para despertar, apurar o sentir, sentindo com intensidade, perceber as representações da existência, sair do mundo sem medo e voltar diferente. Compreendendo a nossa multiplicidade, apercebemos a ferocidade do tempo, em breve seremos dissolvidos pelo cosmos.

Liliana Coutinho considera que “a obra de Ana Vieira não conta segredos. Ela apela à nossa capacidade de descoberta desse mesmo segredo, um para cada um de nós, ou talvez até mesmo esse que é dizível somente pelo desenvolvimento e partilha da experiência.” (Coutinho, 2007, p.28)

Citando Matt Mullican, “a nossa compreensão do mundo faz-se através da imaginação. Posso imaginar o que está a acontecer na casa do outro lado da rua.” (Mullican, 2001, p.9) Vivo muito cá dentro de mim, imagino muito fora daqui, deste meu corpo magoado, frágil, com esta carne que me veste, livre é este meu cérebro que sonha.

Matt Mullican trabalha o mundo interpretativo, estando interessado não no que vemos, mas no que pensamos, sentimos e no que achamos que vemos, nesse jogo de percepções. Mullican refere que “cada vez que lê alguma coisa simbólica, escrever, falar, cinema, TV, estás a utilizar um outro mundo, um mundo imaginário.” (2001, p.10)

Vivemos com o nosso mundo, o mundo interior que de forma inconsciente molda o mundo exterior. A nossa experiência perante as coisas e o modo como as experienciamos é muitas vezes

alimentada através dos signos e símbolos, que nos orientam neste lugar, na nossa sobrevivência, na organização mental, e através da linguagem enquanto realidade comum, fundamental para a comunicação com os demais.



**Fig.4.** Matt Mullican, Evolution of Man, Pastel de Óleo sobre tela, 243,8 x 609,6 cm. 2012

O meu trabalho encontra semelhanças com o trabalho do artista Matt Mullican, em relação aos signos, pictogramas e imagens de um universo interpretativo. As imagens ancestrais, muitas vezes simples, carregam consigo realidades subjetivas e objetivas. Tento ordenar e controlar a minha realidade e sou dirigido pela linguagem, que muitas vezes pertence ao reino do simbólico e que consideramos ser do entendimento universal. Funciona como um jogo dentro de um jogo, toda a dimensão simbólica das imagens, e interessa-me a dicotomia entre o real e o universo onírico. Para sobreviver tenho de conhecer a realidade, e oriento-me através da minha percepção, mais uma vez entra em jogo a realidade quotidiana. A obra artística de Mullican é complexa e torna-se difícil de definir tamanha vastidão, pois seria como tentar explicar o mundo em todas as suas linguagens possíveis. Como refere Allan McCollum, “Mullican não tem como tema apenas os seus sentimentos em relação à vida, mas a sua aceitação de toda a existência; para se compreender a si próprio e compreender o mundo que habita, ele procura reconstruí-lo em todos os seus aspetos, peça a peça.” (McCollum, 2001, p.33)

“Já reparaste que tens o mundo inteiro  
dentro da tua cabeça  
e esse mundo em brutal compressão dentro da tua cabeça  
é o teu mundo  
e já reparaste que eu tenho o mundo inteiro  
dentro da minha cabeça  
e esse mundo em brutal compressão dentro da minha cabeça  
é o meu mundo  
o qual neste momento não te está a entrar pelos olhos  
mas através dos nomes”

(Pimenta, 1998, pág.25)



**Fig.5.** André Ramos, Sem Título, Tinta de Spray sobre parede, dimensões variáveis. 2017

Nas profundezas da alma ocorrem formas e figuras que vêm do fundo dos tempos e se instalam em cada um de nós, de geração em geração, independentemente do lugar onde se esteja. Interesso-me pelos trabalhos de superfície, os mesmos que escondem uma profundidade, e deixam-me surpreendido e pensativo devido à fonte donde brotam, esta fertilidade do meu ser, despedem-se de mim, acenam ao longe pelas ruas, marcas numa superfície que devassam o betão. Acredito que se o meu trabalho for verdadeiro tem de cumprir o que sinto, e assim cumpro-me como sou. Sem grandes expectativas, deixando acontecer, continuarei o meu fazer.

A arte realizada nas ruas procura atingir alguém, basta uma só pessoa, e quem faz essa arte procura transcender a vida e a mortalidade, assim como o espaço público tenciona atravessar séculos de gerações. Citando Hannah Arendt:

“Só a existência de uma esfera pública e a subsequente transformação do mundo numa comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece uma relação entre eles depende inteiramente da permanência. Se o mundo deve conter um espaço público, este não pode ser construído apenas para uma geração e planeado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida dos homens mortais.” (Arendt, 2001, pág.69)

A minha cidade não morrerá, nós os homens seremos substituídos, deixarei de escrever e desenhar nas paredes, a cidade continuará com outro coletivo, serão outros rostos, os sons da multidão desvanecer-se-ão ao longe, haverá risos e choro como sempre, e no fim da tarde alguém olhará para o céu como fiz inúmeras vezes, observando as gaiotas junto ao horizonte. Outros fugirão pela noite, observando as frases que havia feito, não prestam atenção e seguem caminho. Lá no fundo o desejo de transcender o tempo e a vida foram descartados, desprezados, foram trabalhos abandonados por um ser em ruínas. Tenho de mudar, este trabalho na cidade foi duro, começo a sentir medo em fazê-lo, voltarei para o ateliê, estou confuso.

## **Alfabeto – A Busca pelo Silêncio**

Esta cidade é fria e o ateliê e a sala de aula são um cubo de gelo, que partilho com os restantes elementos da turma, um lugar com um pé direito alto e eu sou um ponto negro, pequeno, no fundo da sala. Em cima da mesa está um tapete de corte, com um bisturi, recorto mais papel, é um trabalho lento, não tenho pressa, respiro profundamente e enquanto corto o meu cérebro vagueia. Estou com dores nas costas, o médico disse-me que estou proibido de levantar pesos, ele nem imagina o peso que carrego a todo o instante, sou um animal ferido. Walter Benjamin refere que:

“o lamento, porém, é a expressão mais indiferenciada e importante da linguagem, quase que só contém o sopro dos sentidos; e onde haja plantas que rumorejam, soa sempre também um lamento. A natureza entristece, porque é muda. No entanto, a inversão desta frase conduz-nos ainda mais profundamente à essência da natureza: a tristeza da natureza fã-la emudecer. É em toda a tristeza que reside a mais profunda tendência para a ausência de linguagem e isso é infinitamente muito mais do que a incapacidade ou a falta de vontade para comunicar. Assim, o ser triste sente-se plenamente reconhecido pelo irreconhecível.” (Benjamin, 2015, p.194)

A tristeza secou as palavras, o silêncio e a tristeza são irmãos de sangue, em silêncio escrevo neste momento, contudo o silêncio é quebrado pela mão que escreve. Possuímos palavras para identificar o que nos rodeia, frases para justificar os nossos trabalhos e saudar os amigos, o nosso vocabulário desperta imagens mentais, os sons assumem um dialeto, jogamo-lo no mundo, gritamos, escrevemos e sussurramos. Ludwig Wittgenstein escreve que “quando as palavras na nossa linguagem vulgar têm, à primeira vista, gramáticas análogas, tendemos a tentar interpretá-las de modo análogo; isto é: tentamos manter a analogia a qualquer preço (...) como as frases se encontram num qualquer lugar, procuramos um lugar para o pensamento.” (Wittgenstein, 2013, p.486)

Procuro um lugar para tudo, os pensamentos estão marcados na minha criação, o criar está intrinsecamente ligado ao fazer, o observar está relacionado com a contemplação, surpresa ou desgosto perante as aparições do mundo. Procuro o meu lugar. Mantenho-me atento e sensível ao que me rodeia, sou afetado pelo meio em que estou inserido, pertença ao mundo, partilho os espaços, ruas, lugares com outros seres, respiro e escrevo mais uma frase, com a linguagem, movimento-me no mundo, relaciono as palavras com coisas ou sentimentos do mundo, penso no vocabulário como um jogo, as letras sozinhas emitem um som que aprendi a pronunciar, são em si um desenho, as letras têm o seu próprio grafismo, com um valor estético inerente, ajudam a comunicar com os demais, tenho muito cuidado com elas, porque um vocabulário mal utilizado pode magoar, ou partir um vidro, nunca se sabe.

Existem imagens, quer sejam símbolos, signos ou vazios, com uma força avassaladora, ao entrar pelos olhos causam desconforto, riso ou um enorme silêncio. As pálpebras cumprem a função de uma cortina, quando o espetáculo chega ao fim.

Segundo Maria Helena de Freitas, o vocabulário é uma “entidade anímica, ela fala, movimenta-se, agride, organiza emboscadas, tem sentimentos. E por tudo isto ela toma formas” (Freitas, 1994, p.16). São essas formas que vou imprimindo, um abecedário em folhas de formato A4, letra a letra, recorto e vou dobrando as letras e pressionando sobre a superfície da mesa, transformando a forma da letra numa outra forma, em total liberdade, papel com papel, um silêncio moldado em formas, criptograma interior. Como em todos os trabalhos, vou escutando a voz interior, dobro e desdobro as letras, ninguém saberá o que outrora foram, já não emitem som, agora são silêncio. A vontade de silenciar as letras surgiu numa altura em que não suportava mais o seu ruído, como escreveu Walter Benjamin “as linguagens das coisas são imperfeitas e mudas.” (Benjamin, 2015, p.185)

Júlio Pomar afirma que “todo o corpo é uma linguagem, que, no instante da sua plenitude, se esvai; toda a linguagem chegada à incandescência revela-se como corpo ininteligível. A palavra é uma desencarnação do mundo em busca de sentido; e uma encarnação: abolição do sentido, regresso ao corpo. A poesia é corpórea: o inverso do nome.” (Pomar, 2014, p.73)

As palavras são uma revelação, estão condensadas em nós, evaporam-se no tempo, existirão enquanto houver um ouvinte ou alguém que as procure. O artista João Penalva, em entrevista, diz que “no princípio não era o verbo, mas as imagens, ainda sem homens. Ao criar as imagens, o ser humano cria duplos, por vezes ícones, curva-se perante eles, numa vénia à criação etérea, provavelmente o que de mais belo a Humanidade alguma vez trouxe ao mundo.” (Marquilhas *apud* Penalva, 2011)

As imagens e as palavras, as palavras enquanto imagens, a constante criação do Homem, antes do verbo ou seja da palavra, o Homem já absorvia as imagens do mundo, quando as coisas não tinham nomes, eram imagens simplesmente, estavam aqui antes de nós. Antes da Humanidade o mundo era silencioso à sua maneira, o silêncio é a Mãe da criação.

A noite apresenta-se deserta, feixes de luz rompem pelo corredor de casa, encosto as portas sem fazer barulho. O silêncio é uma película delicada que cobre os objetos, um pó translúcido, em silêncio consigo pensar e ver de outra forma, tudo repousa no seu espaço, tudo fica suspenso no ar, tudo respira a seu ritmo. No canto de casa observo o mundo.

Mãe retiraste-me do silêncio, e por um breve momento fiz-me olhos e ouvidos do mundo, sou imagem e repito as palavras que aprendi. As pessoas que amamos são imagens poéticas, e viver uma imagem poética é conhecê-la, desvendá-la, conhecer a substância, a consciência, e todas as palavras surtem uma reação nos seres sensíveis. As palavras são criações, uma invenção para estar e orientar-se no mundo. O silêncio é uma abstração do mundo, algo que o ultrapassa. Uma aproximação ao divino.

A palavra em repouso une o exterior e o interior da mesma, a palavra em movimento agita e desassossega, de um lado o silêncio, do outro o ruído. A palavra que se diz em voz alta, a palavra que se escuta, a frase que se escreve e a frase que se lê, são acumulações, aumentando ou diminuindo o nosso ser interior, o mundo imaginário. Bachelard ajuda-me a desvendar os caminhos das palavras e da poética, e sobre elas escreveu o seguinte, “mas que lentidão de meditação precisaríamos adquirir para viver a poesia interior da palavra, a imensidão interior de uma palavra. Todas as grandes palavras, todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo, do duplo universo do Cosmos e das profundezas da alma humana.” (Bachelard, 2008, p.203)



**Fig.6.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2017

Com o meu trabalho procuro extrair poesia das imagens, de forma lenta e preguiçosa olho para as imagens que criei, sentado no ateliê, espalho as imagens pelas paredes do meu compartimento, fico longos minutos a observar, tento segurar a atenção, não vá a mente fugir ou então convencer-me a deitar tudo no lixo. Tenho uma relação complicada comigo, por vezes turbulenta, outra desligada do mundo, tento ignorar traumas passados, não quero alimentá-los porque podem crescer muito e não tenho meios para sustentá-los, muito menos suportar o seu peso. Lá fora faz-se noite, eu sou noite, sinto-me bem quando o escuro pinta o céu, posso caminhar em direção às luzes que acompanham o caminho de volta a casa. Mãe conta-me uma história, sussurra-me um segredo, prometo guardá-lo, faz tempo que não te vejo.

Dia seguinte estou de volta ao ateliê, falo com alguém que associa o meu alfabeto ao trabalho “incomplete open cubes” do artista Sol LeWitt. Não conheço o trabalho em questão, aponto o nome no meu caderno, para mais tarde pesquisar. Fico surpreendido com a analogia, e sim é isto, o trabalho do Sol LeWitt são “sobre ideias, não sobre formas. Os conceitos que informam um sistema tornam-se o conteúdo da sua obra, obra sempre caracterizada por uma tensão entre a beleza percetiva das suas obras e o rigor dos conceitos por trás delas (...) isso significa que todo o planeamento e decisões são feitos de antemão, e a execução é um assunto superficial.” (LeWitt, 2009, p.213)

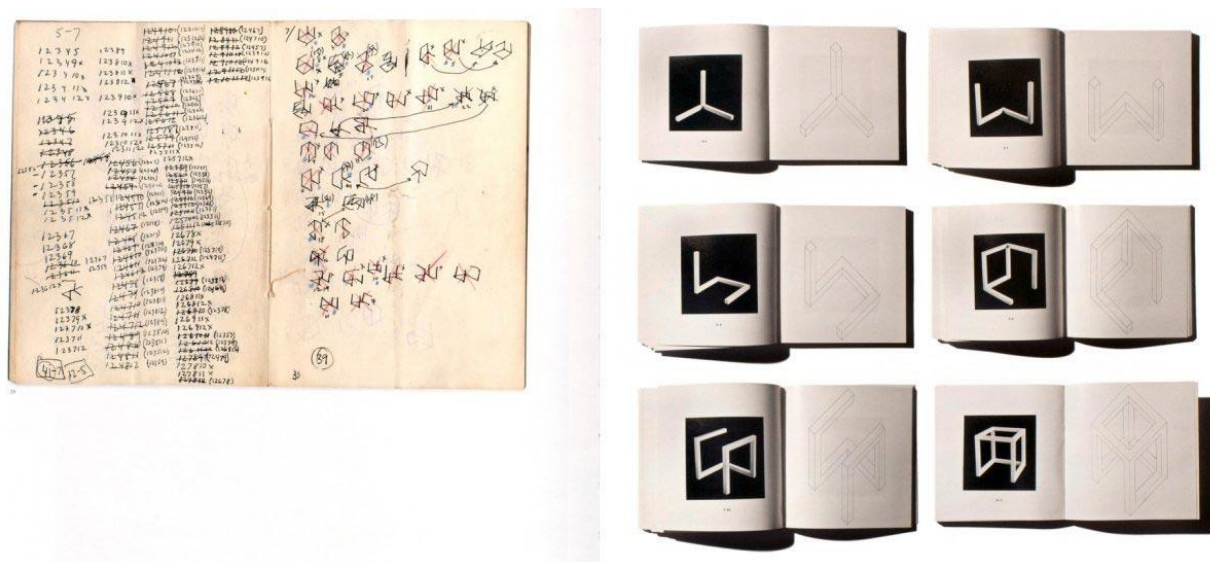
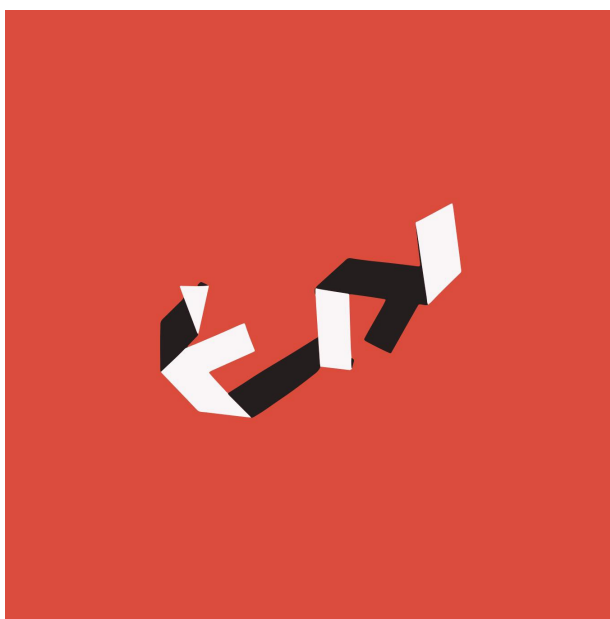


Fig.7. Sol LeWitt, Incomplete Open Cubes, 1974

A minha afinidade com a arte do artista Sol LeWitt, está relacionada com o trabalho do alfabeto que desenvolvi e referi anteriormente. Porque este trabalho está assente numa ideia, num conceito, e difere neste ponto dos outros trabalhos mais espontâneos que realizei. A impressão do alfabeto, o seu recorte e dobragem implicaram um planeamento anterior à sua concretização, entretanto as ideias poderão sofrer modificações, porém a simplicidade do trabalho, a sua subjetividade para quem vê, é essencial para envolver a mente do espetador, independentemente de tudo o resto. Neste trabalho procurei o silêncio.

O meu trabalho não é especificamente sobre a força do conceito, mas sobre a procura da beleza percetiva e da poética da imagem, não deixando, porém, de estar alicerçado em ideias concretas que, todavia, ficam em segundo plano, ao menos para mim, que lentamente observo cada imagem com o pescoço curvado sobre a mesa. O fundo encarnado coloca a forma sobre o incandescente, as formas não têm repouso, pergunto se estas imagens algum dia terão estabilidade, parecem tridimensionais, volto a colocá-las nas paredes em diversas posições. Gaston Bachelard afirma que “é sempre assim, a imagem poética está sob o domínio de uma qualidade majorada. A brancura das paredes, por si só, protege a cela do sonhador. Ela é mais forte que toda a geometria e vem integrar-se na cela da intimidade. Tais imagens são instáveis” (Bachelard, 2008, p.230).

Dou por mim a sonhar nesta sala ampla, o meu espaço é delineado por duas paredes e duas madeiras, tenho duas mesas, vou passando materiais de um lado para o outro, é um espaço físico, mas interfere no meu espaço psicológico, sei que é um espaço para o fazer, para tentar e falhar, um espaço de pensamento, remoendo ideias duras.

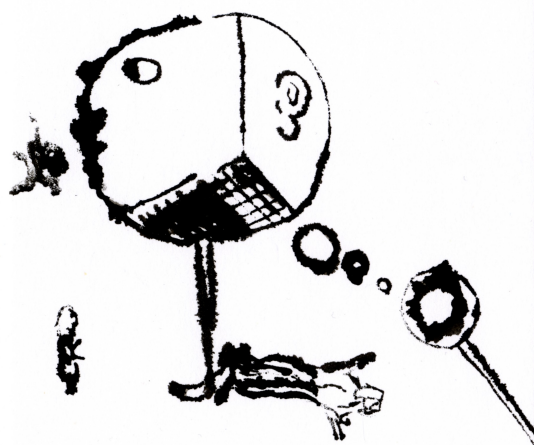


**Fig.8.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2017

## Desenho – Poesia e Murmúrio Interior

Olho para um bloco de folhas A5 que estão na mesa, vou desenhar. Como escreveu Bachelard, “a miniatura sabe armazenar grandeza. Ela é vasta à sua maneira” (Bachelard, 2008, p.219). O desenho acompanha-me desde sempre, o desenho tem qualquer coisa de escrita, de magia e salvação, vou dialogando com o papel, ele vai absorvendo as minhas preces, a tinta espraia sobre a folha, faço as minhas imagens mentais ganharem forma. As formas sugerem outras formas, com a cabeça inclinada sobre a folha e comodamente sentado vou murmurando baixinho.

A imagem que aparece na folha, muitas vezes não é o que surge na memória, mas são as imagens que tenho possibilidade de criar, e a luta com a forma assim o permite. Citando Focillon, “o que define o artista é o facto de as ter e de estarem em luta permanente com a forma. A forma é sempre, não o desejo de ação, mas a própria ação.” (Focillon, 2000, p.73)



**Fig.9.** André Ramos, Sem Título.  
Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm. 2018



**Fig.10.** André Ramos, Sem Título.  
Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm .2018

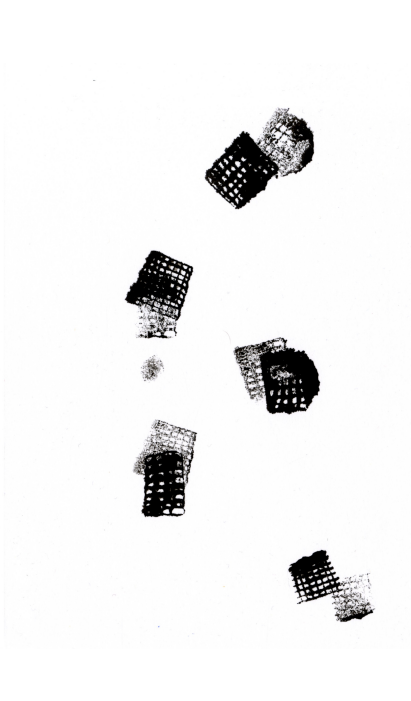
As formas estão localizadas no incerto, nesta mescla de memória, sensibilidade, imaginação, instinto e intelecto. Estão conectadas com o sangue que me corre nas veias e com o vigor dos meus braços e mãos que seguram no aparato. Seguem operando, rompendo com os momentos de repouso, criando um múltiplo, uma parte de mim que deixo no mundo, perdendo-se ou encontrando-se no mesmo.

As imagens a tinta-da-china multiplicam-se pelas folhas, vão surgindo, com algumas tenho lutas tremendas, acompanhadas com longas pausas a observar, com outros desenhos deixo estar, faço com alguma rapidez e desinibição, e guardo para mais tarde voltar a colocar o olhar. As folhas em branco provocam-me, penso nas infinitas possibilidades, não interessa o tamanho das mesmas, são de pequena escala, mais pequenas que muitos livros, mas funcionam para carregar o meu mundo interior, as histórias e as dores de um nascer novamente, rasgando-se.

Walter Benjamin considera que “a linguagem fez-nos perceber, de forma inconfundível, como a memória não é um instrumento, mas um meio para a exploração do passado. É o meio através do qual chegamos ao vivido, do mesmo modo que a terra é o meio no qual estão soterradas as cidades antigas. Quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem de se comportar como um homem que escava.” (Benjamin, 2018, p.219) Contudo é duro regressar inúmeras vezes ao terreno que escavamos, porque o terreno não assume a sua forma de origem quando remexido repetidas vezes. Ao arrancar determinadas imagens do meu subsolo, estas recebem a luz da vida, e devem ser tratadas como preciosidades, guardando-as em lugares seguros da memória, da consciência. Toda a escavação justifica um esforço, uma cuidadosa seleção e um indagar permanente.

Com o meu corpo estático vou escavando o passado. Na procura das imagens esquecidas e abandonadas, elas começam a aparecer devagar, da mesma forma que as palavras aparecem a um escritor. Elas existem em algum lugar de nós, apenas temos de saber procurá-las e esperá-las. O artista Joaquim Rodrigo afirmava que “a sua realidade objetiva é colhida e imaterializada em imagem mental ou subjetiva, fixada pela memória. Esta, por sua vez, permite-nos efetuar um percurso complementar do primeiro convertendo a imagem mental ou subjetiva novamente em imagem física ou objetiva.” (Rodrigo, 1982, p.30)

Estou interessado na imagem mental, em reproduzir graficamente esse psiquismo, de forma espontânea, colocando as imagens na folha. Citando Júlio Pomar, “a gestação da imagem é já, em si, imagem. E para mim a mais sedutora das imagens. O que num desenho destes se procura: colher a imagem no instante em que ela se impõe, subitamente, da interação dos signos confrontados.” (Pomar, 2014, p.127) Vou soltando as imagens para a folha, fazendo da imagem uma surpresa, uma aparição, procurando o inesperado. É um desafio animador observar o surgimento de uma imagem, exprimindo toda a sua força, tensão e interação dos signos, confrontando-se no vazio da folha donde emergem. Os desenhos dançam, lutam, repetem-se e contam segredos a seu ritmo.



**Fig.11.** André Ramos, Sem Título.  
Tinta-da-china s/ papel,  
21 x 14,8 cm. 2018



**Fig.12.** André Ramos, Sem Título.  
Tinta-da-china s/ papel,  
21 x 14,8 cm. 2018

Tenho um fascínio pela repetição, frequento os mesmos lugares, sento-me nas mesmas mesas, penso de uma forma repetitiva, muitas vezes obsessivo. Sentado no ateliê, vou molhando o aparo na tinta-da-china inúmeras vezes, repetidamente, desenhando sobre folhas ou fita-cola, aproveito para fazer decalques, como se fossem carimbos, é a repetição em massa, estou numa fase compulsiva a desenhar, muitos desenhos acabarão no lixo. Esta relação de luta e abandono está presente em muitos trabalhos, sinto que as imagens vão explodir, estou faminto. Deixo-vos um poema do poeta João Cabral de Melo Neto.

**“E afinal à presença  
da realidade, prima,  
que gerou a lembrança  
e ainda a gera, ainda,**

**por fim à realidade,  
prima, e tão violenta  
que ao tentar apreendê-la  
toda a imagem rebenta”**

(Neto, 2014, p.77)

Os dias estão sumindo, a minha estadia aqui será breve. Vivo num casulo entre a realidade, a lembrança e a saudade. Faz tempo que não te vejo.



**Fig.13.** André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm. 2018

Rilke escreveu que: “tudo persiste e se agarra à sua terrível realidade, cioso de tudo o que é. Os homens desejariam poder esquecer muito disso; o seu sono vai limando suavemente esses sulcos do cérebro, mas os sonhos expulsam-no e vêm acentuar os desenhos. E eles acordam e gemem e deixam fundir nas trevas o clarão de uma vela, e bebem, como água açucarada, esta pacificação de semiclaridade.” (Rilke, 1998, p.115) A existência exerce sobre o meu frágil corpo um peso, consigo respirá-lo, é esse ar que no meu interior toma formas, oprime os órgãos, sacode-me, e a dor que não expresso, transforma-se em alguma coisa sem nome. Um grito que ninguém ouve e a mão desenha.

O que tento esquecer o desenho relembra, a mão e o cérebro têm uma certa promiscuidade, são cúmplices. O olhar dirige, vai dando indicações, direcionando a escrita ou os decalques sobre o papel. Gosto dos decalques porque não consigo controlar o trajeto da tinta, ela assume a folha como sua, tem dias em que acontece a folha rasgar-se com o descolar da fita-cola, eu assumo os rasgões, são neblinas mentais, cicatrizes no papel. A tinta negra conta histórias escuras, histórias de saudade, que vai devastando a brancura da folha, acolhendo a noite.

Óscar Alonso Molina escreveu a propósito do trabalho do artista Jorge Martins que “Nele, supostamente, a sua «mão» autêntica revela-se com toda a clareza e sem distorções, na medida em que o desenho exprime da forma mais imediata as imagens mentais internas que o criador retira de si próprio, lançando-as ao mundo, dando à luz por meio de formas plásticas concretas, suscetíveis logo a partir desse momento de serem vistas (...).” (Molina, 2018, p.281) É neste aspeto que considero importante esta citação, porque o trabalho do artista Jorge Martins exprime uma capacidade de analisar as profundezas do nosso interior, colocando o desenho em lugar de destaque, analisando, comentando, simulando e colocando dúvidas. Os seus desenhos têm contrastes de negros e brancos, são intemporais e carregam o peso da eternidade. Identifico-me principalmente no olhar para dentro, desvendando a fecundidade de imagens que nascem do nosso interior.



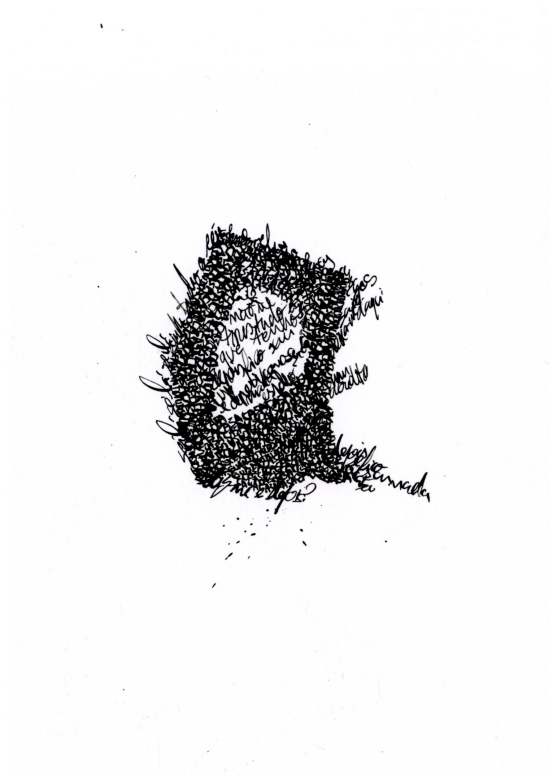
**Fig.14.** Jorge Martins, Outros Destinos, Grafite s/ papel, 160 x 120 cm. 2002-2004

As dúvidas que vão surgindo durante o processo de criação, prendem-se com o continuar, se devo ou não continuar neste registo, ou se o material ou até o meu ser pede alguma coisa mais. Quando começo a sentir-me demasiado confortável, tendo a mudar, não concebo a criação artística numa zona de bem-estar, ela é realizada sobre uma ferida entreaberta, que não deixo cicatrizar. Pomar afirma que a “gestação, processo, fluxo que se alimenta do que sucessivamente engendra, ou anula. O objeto apresentado, frase, gesto, é um corte num processo temporal, vive de mil rejeições.” (Pomar, 2014, p.71)

Não sei a razão, muito menos a origem desta dor que carrego, sinto-me uma parte do trabalho, inclusive dos trabalhos que coloco no lixo. Trago em mim um sentimento de abandono, de rejeição, culpa e de mágoa. Volto a escrever desenhando, e desenhando vou escrevendo, preto no branco, tem de sair qualquer coisa, uma tempestade, interrogação, abismo ou uma luz. Bachelard afirma que:

“fechado no ser, sempre há de ser preciso voltar a ele. Assim no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, retorno, discurso, tudo é rosário de permanências, tudo é refrão de estrofes sem fim (...) seguindo o labirinto das febres que corre em nosso corpo, explorando as “casas da febre”, as dores que habitam num dente cariado, saberíamos que a imaginação localiza os tormentos e que ela faz e refaz anatomias imaginárias.”

(Bachelard, 2008, p.217 / 227)



**Fig.15.** André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm. 2018

Não tenho dores no corpo, tenho o corpo em dor, uma dor unificada que toma o travo da solidão. Esta noite sinto-me um cão. Voltarei a percorrer toda a cidade à procura de alguém, talvez baste uma sombra, com vislumbre de ti. Perturbação delineada numa parede áspera, tenho frio. Amanhã volto a desenhar, assim espero.

Que dificuldade esta de explicar aos outros o meu trabalho, é quase como descrever-me, e eu não tenho a certeza de quem sou, tenho apenas uma ideia.

Existem exposições que nos marcam para toda a vida, e uma delas foi da artista Ana Hatherly, e graças aos seus trabalhos modifiquei a forma como olho para o desenho, as pequenas dimensões da sua obra, os materiais riscadores como o feltro, as esferográficas, as pequenas letras encavalitadas que formam desenhos, foi incrível. Sinto a sua presença em alguns dos meus desenhos, estou grato por isso. Havia também um desejo de intervenção plástica e de comunicação por parte de Ana Hatherly, sentimento que admiro, assim como o lado poético da imagem. Os seus trabalhos e segundo Raquel Henriques da Silva:

“mergulham em magmas de tinta ondulantemente riscada, ou concentram-se numa lógica de mancha que integra os brancos do suporte na sua lógica (...) sobre a folha, profundidades contraditórias, ou que se enrolam como remoinhos poéticos que soltam, à volta, elegantes rastos de si próprios, rimas que não podemos ler mas, afetuosamente, nos embalam o olhar. Ela é o sinal de íntimos segredos que nos deixam à porta e questiona as dimensões do suporte pela sua estética de repetição, simetria, variação mínima, velocidade, corte, retoma, labirinto, desertos escavados tornados férteis.” (Silva, 2004, p.7 / 8)

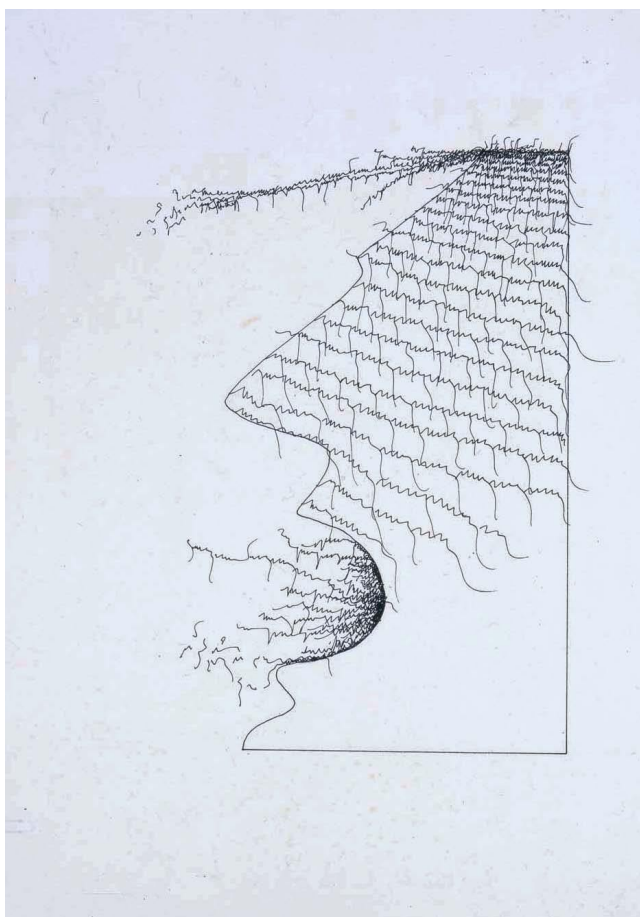


**Fig.16.** Ana Hatherly, Sem Título, Tinta-da-china s/ papel, 65 x 50 cm. 1970

Fico imóvel à frente dos desenhos da Ana Hatherly, despertam-me curiosidade, quero decifrá-los, não segundo as ideias e conceção da artista, mas pelo meu olhar, não quero ler mas sentir, observando a sua lírica, ritmo e fluidez.

Os terrenos áridos que desejamos fertilizar, poderá ser entendido como uma busca incessante pela água do subsolo, comportando-se como alguém que escava e habita o sonho. O seu trabalho une a arte e o mundo, faz-nos acreditar em algo que nos ultrapassa, uma dimensão diarística que não se importa com o formato do suporte, as pequenas dimensões remetem-nos para a intimidade, para o sonho e para a solidão. Saber estar só, com uma grande presença que nos olha.

Da solidão nasce toda a música da sua produção, fazendo do seu trabalho um poema, que se difunde pelo tempo. Ou como João Lima Pinharanda afirma, “cada imagem é um lugar de alta densidade onde, em fusão, se afirma em registo único final a acumulação de todo o tempo e de todo o espaço de ação (de realização da imagem) é o fotograma único, o que acumula toda a informação gestual, temporal e material da ação múltipla e performativa da autora.” (Pinharanda, 2004, p.17)



**Fig.17.** Ana Hatherly, Sem Título. Marcador preto, caneta e colagem s/ papel, dimensões variáveis. 1965-1975

No desenhar está o registo, a intimidade encontra o seu lugar, é denso o acumular de multiplicidade, pergunto-me se terei heterónimos escondidos em alguma parte, em mim existe alguém que escreve, desenha, desfaz, refaz, sonha e divide-se entre as formas e as línguas do mundo. As minhas sensibilidades são diversas, assim como as preocupações que me surpreendem sem estar preparado, um desenho pode ser resultado de uma luta ou de uma resignação.

Voltando ao trabalho de Ana Hatherly, João Lima Pinharanda escreve que “tudo se passa num espaço e num tempo radicalmente íntimos: sem imagens e sem som que sejam exteriores ao rumor secreto do pensamento e dos materiais, como se tratasse do registo do próprio trabalho do cérebro.” (Pinharanda, 2004, p.15) A mão assume o controlo do trabalho, parecendo dotar-se de uma inteligência própria, autónoma, movendo-se sobre a folha como quem sente o invisível, uma mão que sente o fogo e sacode as cinzas para longe, uma mão que descreve o mundo como quem tateia uma folha de braile. O cérebro vê o que a mão sente.

A mão e o espírito criam atividades difíceis de descrever, a mão desenvolve imagens autónomas que se escapam entre os dedos, e fogem para longe, refazendo-se constantemente. Focillon escreve que “o que caracteriza o espírito é o facto de se descrever constantemente a si próprio. É um desenho que se faz e se desfaz, e a sua atividade, neste sentido, é uma atividade artística. Tal como o artista, o espírito trabalha a partir da natureza com os dados que a vida física lhe injeta no interior, não cessando de os elaborar, para com eles fazer a sua própria matéria, para os tornar espírito, para os formar.” (Focillon, 2000, p.72)

O terreno da arte é instável, é difícil de controlar, porque o espírito que a cria permanece em constante mutação, evitando o repouso. O mundo exterior influencia a atividade artística, porque é na absorção do exterior que o interior se vai moldando, e no fazer acontece a surpresa e o milagre da criação. O nascimento do trabalho final, ou a continuação do trabalho. Porque o trabalho artístico é um movimento, um fluxo perene, fazendo da própria vida uma obra de arte. Liliana Coutinho afirma que “desfazem-se assim as fronteiras criadas entre o mundo interior, sensível e imaginário, e o mundo real, concreto e material. São ambientes de interior, ou melhor será dizer, de casas interiores, onde os objetos que as compõem já não existem a não ser como ecos da memória.” (Coutinho, 2007, p.12)

Do nosso interior é possível recriar um mundo; um mundo silenciado pelo exterior, oprimido. Raquel Henriques da Silva considera que “o instrumento alquímico da operação é o corpo da artista: as memórias acumuladas, os sentidos tensos, os gestos agudizados por tantos anos de voluntária subversão.” (Silva, 2004, p.9)

Gosto da forma como os meus desenhos surgem, sem estar à espera do final, foram falando comigo e fui respondendo conforme podia, lutamos muitas vezes. São uma prece, um grito e por vezes uma casa a arder. O desenho congela um movimento, um traço, uma mancha, ponto ou rasgão. Júlio Pomar analisava o traço das seguintes formas, “o traço bem-sucedido ou falhado, o traço que se interroga, escutai o traço, quando a mão está trémula ou se apoia com força. Quando ele é síntese fulgurante, análise reveladora, abismo, busca, reencontro, escutai-o.” (Pomar, 2014, p.142)

Sempre que começo um desenho olho para a folha em branco, fico em vertigem, com a folha assumindo o lugar do abismo, penso o que poderá acontecer neste espaço circunscrito, a folha. A folha branca, imaculada, pálida, provoca-me para o primeiro sinal de tinta, para o começo, iniciando esse jogo de negros e relações óticas, deixando o desenho sussurrar. Uma dança do imaginário sobre o clarão de uma folha de luz.

Citando Manuel Castro Caldas, “uma das ideias largamente difundidas relativamente ao processo de criação artística é a de que existiria algo com um temor, ou um terror, afetando o escritor, desenhador, pintor, no momento em que este vai escrever a primeira palavra, traçar a primeira linha, depositar a primeira mancha de cor.” (Caldas, 2009, p.64) A citação anterior revela a dificuldade, o temor em começar, depois da primeira gota de tinta sobre a folha, o artista assume um passo, um início. Todos os gestos fundadores dão origem a alguma coisa, a um destino que queremos suspender, imortalizando. Todos os começos têm um tempo de espera, um tempo próprio, uma ânsia nasce do pensamento que aguarda.

Começar é sempre difícil, sinto que é um trabalho de espera, até que o material riscador comece o seu devir, com todas as irregularidades de uma mão reticente, que aproveita para ocupar a folha branca, esse vazio que provoca, com cautela dou o primeiro traço, a primeira letra. As letras sobrepostas criam texturas, as manchas são de tinta negra, a folha não absorve a tinta por completo, fazendo-as rebentar, como um pensamento inesperado. Manuel Castro Caldas afirma que “somos antes remetidos para o interior do signo onde a tinta negra, contida, comprime irregularmente os limites da forma, de tal modo que o encanto deste interior pleno com o branco que se lhe justapõe não possa ser experimentado como uma simples linha.” (Caldas, 2009, p.66)

As palavras que trago comigo entrego ao papel. Gaston Bachelard divaga ao achar que, “diante de uma imensidade evidente, como a imensidade da noite, o poeta pode vos indicar os caminhos da profundidade íntima” (Bachelard, 2008, p.194). Os meus desenhos, quando são confrontados com outro olhar, um olhar que nada sabe sobre os mesmos, acontece o inesperado, surgem histórias, narrativas e possibilidades da parte de quem vê. Este desenho que apresento foi elaborado com tinta-da-china, grafite e aguarela, foi realizado em duas tiras de papel encontrado no lixo, e como todos os outros surgiu devido à minha espera, fui fazendo, imaginando, colando os personagens na luz do mundo.

Termino este parágrafo a citar Bachelard, “mas se gostamos de ir ao fundo das imagens, quantos sonhos ela suscita!” (Bachelard, 2008, p.207)

Absoluta Presença - História da autoria do escritor e amigo Henrique Manuel Bento Fialho

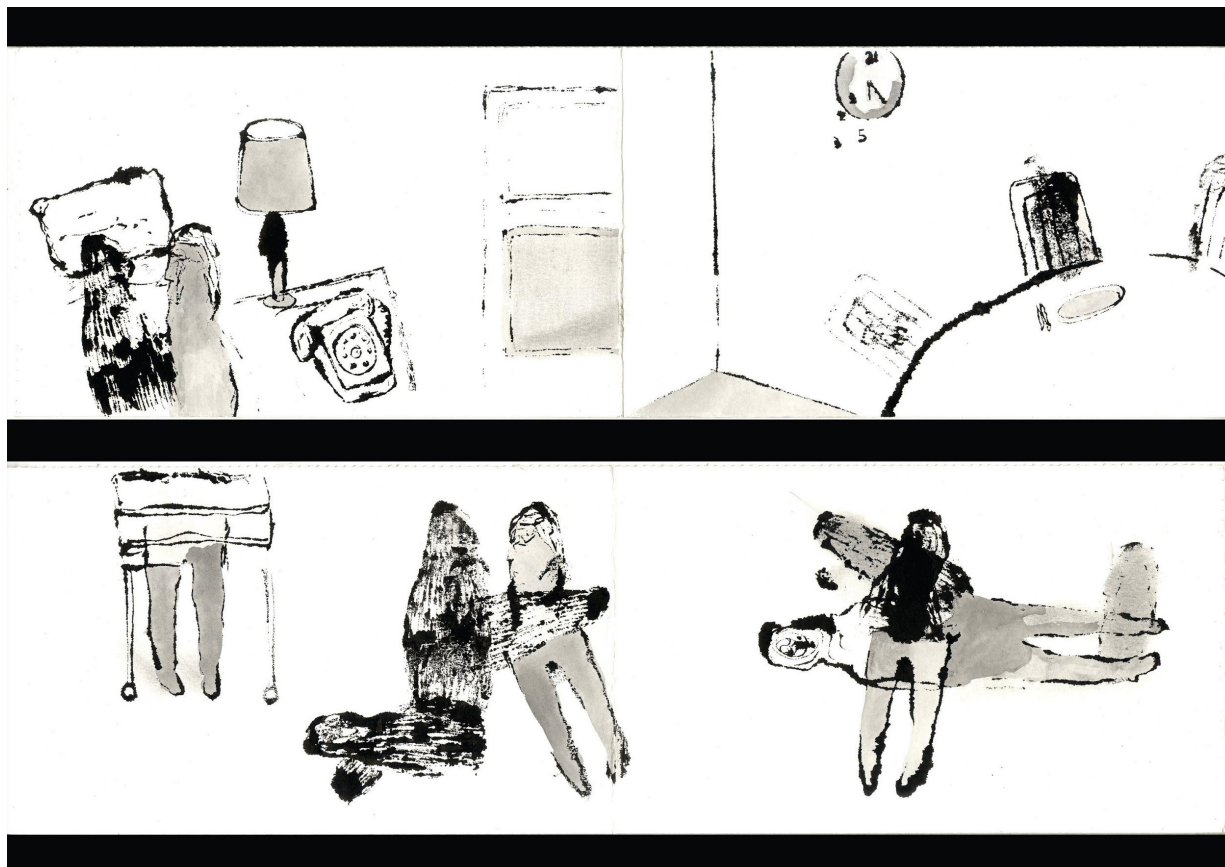


Fig.18. André Ramos, Sem Título, Tinta-da-china, aguarela e grafite s/ papel, 25.2 x 42,5 cm. 2018

Tão l...e...n...t...o... era o tempo naquela casa\_ que os números do relógio se desprendiam

e  
s  
c  
o  
r  
r  
e  
g  
a  
n  
d

o pela parede branca até chegarem ao chão.

Tombados, confundiam-se com baratas que os habitantes da casa prontamente

esmagavam. O homem permanecia eterno ao lado da mulher, deitados tal qual se deitam fantasmas. Levantavam-se para esmagar números tombados no soalho, eles próprios por vezes se inclinavam perfazendo ângulos mortos. A mesa posta guardava pelo homem e pela mulher. Como não tinham estômago, apenas fingiam ter fome. Como não tinham peso, apenas fingiam esmagar números

e p d  
sah os  
la  
pelo chão.

Na realidade e na fantasia, na verdade e na mentira, o homem e a mulher eram duas sombras projetadas de dentro para fora.

Há casas que têm sóis escondidos na mobília,  
sóis apagados como candeeiros  
que de vez em quando se acendem

Quando o tempo pára\_ou quando os números dos relógios de parede

e  
s  
c  
o  
r  
r  
e  
g  
a  
m

de cansaço\_até caírem no soalho.

Esta casa não tem afagadores, ninguém trabalha nesta casa, é uma casa de silêncio onde nada se escuta. Apenas a respiração das sombras.

Então alguém surge de fora para dentro, então alguém se levanta de dentro para fora, então

um sol acende-se dentro da casa e ilumina o homem e a mulher deitados no chão como dois números cansados.  $1+1=0$ . O amor que os aproxima é o amor que os afasta, sombriamente envolvidos um no outro, águas confundidas, sombras fundidas numa casa acesa de dentro para fora.

Um telefone ligava-os ao exterior, pelo telefone recebiam notícias de um mundo estranho, distante, o mundo fora de casa, nas ruas. Dizemos homem e mulher quando sabemos nem isso ser suscetível de comprovação. Eram apenas sombras sem estômago. Logo, não podiam ser homem nem mulher. Eram apenas habitantes inconclusivos de uma casa com sóis dentro, presenças absolutas de uma ausência particular.

Alguém observa essas presenças, sim.

Alguém tem que as observar

O narrador presente as presenças absolutas na casa vazia, na casa aparentemente vazia, o narrador presente que o lugar dessas presenças é no interior da casa\_a esmagarem números tombados pelo chão, migalhas de números, partículas de pó..... O narrador fala de um homem e de uma mulher quando pretendia dizer Monstro, isto é, Sombra, ou seja, presença absoluta. E então respira à mesa como qualquer coisa sentada perante um prato vazio, olha para o telefone há muito inutilizado, telefone sem voz porque no interior da caixa ficaram detidas para sempre todas as vozes, vozes reclusas de um silêncio que une as sombras no chão, silêncio entendido enquanto música, música entendida enquanto dança, dança entendida enquanto corpo, corpo estendido enquanto pó, sombra, presença absoluta.

Esta história acabará quando a porta for finalmente aberta, quando alguém abrir a porta para entrar nesta história com a missão exata de arrumar tudo nela, recolher os números do chão e voltar a c-o-l-o-c-á-l-o-s no relógio de parede, levantar o auscultador para libertar as vozes aprisionadas no interior da caixa do telefone, quando alguém se sentar à mesa enchendo o prato com o homem e a mulher sombriamente presentes no lugar absoluto da sua ausência.

Esta história terminará com alguém a comer sombras, a alimenta-se das sombras, transformando-se naquilo que come\_porque todo o ser se transforma no que o alimenta.

## Fotografia – Efemeridade de um Mundo Onírico

Começo este capítulo citando Jean Genet, “na origem da beleza está unicamente a ferida, singular, diferente para cada qual, escondida ou visível, que todos os homens guardam dentro de si, preservada, e onde se refugiam ao pretenderem trocar o mundo por uma solidão temporária mas profunda.” (Genet, 1988, p.18)

De volta ao ateliê com as fotografias guardadas numa capa de plástico, um bloco de papel vegetal, tesoura, folhas de acetato e marcadores sobre a mesa. Começo a recortar papel, rasgando-o, abrindo feridas. Recorto seres inanimados, e colo, por cima de um lugar amplo, uma fotografia que capta o vazio, a solidão. A ferida não cicatriza, ela mostra-se com timidez, crio um cenário de lembranças, uma narrativa por acabar, sendo o fim em si mesma. João Penalva diz que “vivemos uma experiência de estranheza e inautenticidade ao sermos dejetados num mundo que não nos é familiar. Assim, a primeira tarefa existencial é criar um mundo nosso, conquistando a autenticidade do eu, tarefa esta que terá de ser sempre operada através da linguagem.” (Marquilhas *apud* Penalva, 2011)



**Fig.19.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018

Todos os trabalhos fazem-me olhar para dentro, vou indagando, procurando uma narrativa que não acabe, nem poderá acabar, porque ela contém o início, o meio e o fim.

René Huyghe diz que “ao captar as imagens que se atropelam dentro de si, ao selecioná-las, ao dar-lhes forma, prolonga o impulso apercebido no dormidor.” (Huyghe, 2009, p.137) Durante o sono desprendo-me da carne, observo as imagens interiores, estas aparecem como uma neblina, os sentimentos ganham cores saturadas, estão demasiado condensados, o sono liberta-os. Quando acordo ainda sinto ressonâncias do sonho, embora os pensamentos sejam difusos, aparecem sob a forma de intermitências. Não consigo agarrá-los na totalidade, apenas em fragmentos, são pensamentos soltos na atmosfera onírica do meu ser.

Remexo no íntimo das minhas memórias mais duras, lembranças que no presente não são mais que ausências. Quando nascemos choramos, e esse choro faz eco até o fim dos nossos dias. Somos moles, frágeis, seres puros por lapidar, que o tempo encarrega-se de modificar, transformando o nosso ser e a nossa forma exterior. Não conseguimos controlar vários fatores externos, e pensamos que sabemos quem somos, mas é apenas isso, um pensamento. O mundo é um lugar de perda, dor e risos magoados, todos nós temos uma história triste para contar.

O nosso interior tem a capacidade de guardar um vazio indescritível, amplo, onde as palavras e as imagens são difíceis de descrever e enumerar, resta-nos sentir. Bachelard afirma que “a imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel.” (Bachelard, 2008, p.190)

Imóvel contemplo a solidão, tudo parece intocável aos meus olhos, o tempo é uma invenção, e a minha lentidão está presente no pensamento pesado que carrego. Não consigo conceber um trabalho sem tempo de espera, paciência, solidão, humildade para aceitá-lo ou resignação para desprezá-lo.

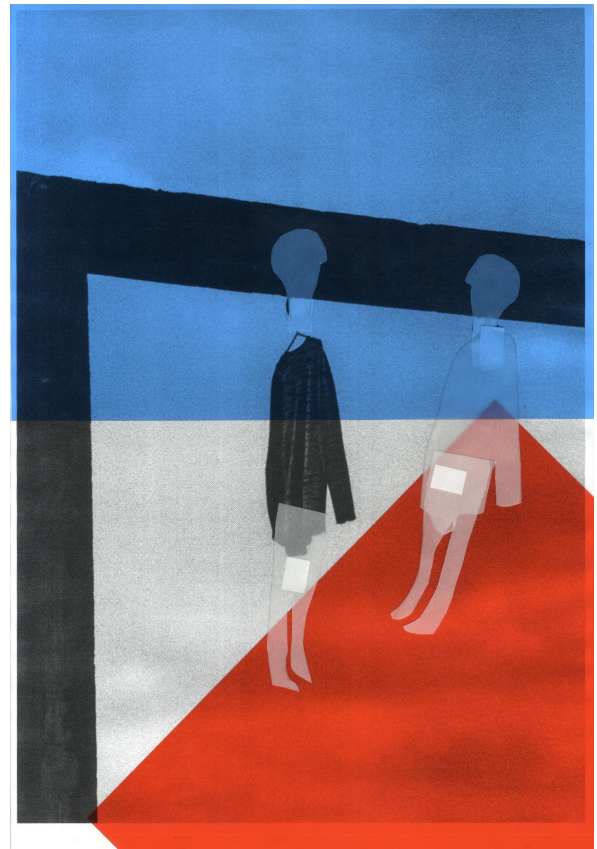
Bachelard considera que: “é por sua imensidão que os dois espaços, o espaço da intimidade e o espaço do mundo tornam-se consoantes. Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem.” (Bachelard, 2008, p.207)

A solidão não é um defeito do Homem, mas antes a sua capacidade de renunciar à multidão, na busca pela essência, longe das distrações. Um olhar para dentro, para o âmago. Genet entende a solidão, e sabe que esta “não designa estatuto de miséria mas secreta soberania, nem profunda incomunicabilidade mas conhecimento mais ou menos obscuro de uma singularidade intocável.” (Genet, 1988, p.35)

A ausência é uma peça que nos falta, algo que tivemos e o tempo levou. É isto que retrato neste trabalho, uma ausência em ferida, personagens transparentes procuram o seu lugar no mundo, a sua ressurreição, sonhando com uma nova oportunidade para viver. Desejam usufruir do calor corporal que perderam, os abraços que deram outrora, e as falas que ficaram esquecidas no tempo, já ninguém se lembra de quem são, foram esquecidos, este trabalho existe para trazê-los de volta ao presente, nem que seja por alguns segundos. Eles são todas as pessoas que perdi, que ainda habitam em mim, são memórias frágeis e delicadas que podem desaparecer a qualquer momento, têm a mesma constituição do gelo, não consigo agarrá-las por muito tempo, são silhuetas que representam todos nós. Formas arrancadas de uma folha, cortadas com bisturi, como quem abre uma ferida que nunca mais sara. Faz tempo que não te vejo.



**Fig.20.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018



**Fig.21.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018

Walter Benjamin diz que “quando se aproxima a hora do meio-dia, as sombras são apenas os contornos negros, nítidos aos pés das coisas, prontas a regressar silenciosas, discretas, à sua toca, ao seu segredo” (Benjamin, 2018, p.193). As formas caminham sem ruído, não pretendem incomodar, encontram-se discretamente. Os seres digerem o seu irremediável vazio, preenchendo com lágrimas e soluços a sua estadia fugaz, a inexistência da expressão facial demonstra melancolia perante o todo, e saudades das pequenas coisas, dos pequenos gestos.

**“Ouves os meus passos nas escadas?**

**Quando eu bater à porta  
não me reconheceremos.**

**Voltarei de um dia de trabalho,  
subirei as escadas  
e perder-me-ei para sempre  
em qualquer sítio fora de qualquer sítio.**

**Não foi o caminho de casa que perdi?  
Não ficou alguém em qualquer sítio,  
uma sombra passando diante de nós,  
e principalmente fora de nós?**

**Agora quem sente  
isto fora de mim,  
quem é este ausente?”**

(Pina, 2015, p.25)

Lembro-me de casa, a casa de sempre, onde nasci e ainda vivo, a casa onde abro meia janela e observo o mundo. Fora de casa lembro-me dos quartos e do corredor de acesso à sala de estar, já não está quem estava, sobre o sofá descansa uma manta de silêncio. Sempre que abro a porta penso que alguém poderá voltar de surpresa, mas não volta, e eu não quero perder a esperança.

O meu trabalho de colagens sobre fotografia é sobre a esperança, a esperança do encontro, de forma a atenuar a ferida deixada aberta pela partida de quem gostamos, as roupas que nunca mais ousamos tocar, a cadeira onde ninguém se volta a sentar, o desejo transforma-se num terreno estéril, onde só a esperança fará brotar uma flor.

## Um Quarto de Hóspedes

O meu trabalho é um quarto de hóspedes, entram em silêncio e servem-se dos espaços, dos quartos, utilizam a mobília da casa com total descontração, vasculham o baú e o alçapão. Permanecem durante o tempo que bem entenderem, fazem obras, colocam novos quadros, trazem-me novos motivos, sentimentos e perplexidades. No fim da estadia vão embora sem arrumar o quarto, isto acontece em todos os compartimentos da casa. São seres com uma enorme presença, que aparecem do nada e esfumam-se no vazio, há noites que os procuro em casa, deixam-me mensagens, perseguem as minhas criações.

Devo as variações e mudanças do meu trabalho a estes seres semiopacos, a estes pensamentos. A casa comanda-me o corpo, o corpo habita a casa, é um território de silêncio, focos de luz e sombra, onde classifico as coisas por nomes, tentando segurar a estabilidade, nem sempre é possível. Todos os dias descubro um pouco mais da casa, a sua vastidão.

Sento-me para trabalhar, sei que serão alguns minutos até que a casa se volte a assoberbar de seres, quando aparecem começam a dialogar, vou escutá-los com acuidade, a obra vai acontecendo sem grandes expectativas. Utilizam-me como veículo do fazer, sabem que tenho tempo e disponibilidade, aconselham a mão a dar determinados passos, sigo o instinto, a mão andará por si.

A criação é marcada por sensibilidades, a sensibilidade das superfícies e das tintas, crio laços afetivos, entro na minha intimidade, conto segredos, carências, frustrações e desesperos, coloco as mãos no baú da memória, e mais uma vez comporto-me como o homem que escava, caminhando sobre ruínas. Sou um estranho no mundo.

Manuel Castro Caldas escreve que “trata-se do jogo do pensamento, da sua metáfora, ou ainda, do seu paralelo na arte. O mundo que assim aparece é «ideal», mas nem por isso menos real, possuidor de uma vida. O contraste é tensão, animação do fundo de papel onde (previamente) nada acontece. A instituição da tensão prova o acontecer, a obra é antes de mais a abertura ao Acontecimento.” (Caldas, 2009, p.47)

Os meus trabalhos nascem de rompante, consomem a superfície e as profundezas da folha de papel, são os seres que percorrem a casa em toda a sua amplitude. Sacodem as roupas do estendal, brincam no pátio de casa, desventram-me o espírito. Revelam-se nos pequenos nada.

Manuel Castro Caldas considera que:

“a vida do espírito não é uma não-vida, por oposição à vida da carne, ela é outro modo de vida ou, melhor ainda, outro tempo (no sentido de tempo verbal) da vida: o seu processamento no infinito. Tal não implica que os acontecimentos devam ser essências, eles são «jatos de singularidades», apenas captados (captáveis) num domínio e por meios específicos, no «em lugar nenhum» que é, para usar a expressão de Hannah Arendt, o lugar desse «apátrida» por excelência, o Eu que pensa.” (Caldas, 2009, p.47)

O eu pensante, uma singularidade vibrante com o poder de criação, a força do espírito cria uma mescla com o pensamento e com a memória, fico com a impressão de que a imaginação está sempre presente, mas passando despercebida, o espírito carrega o pensamento, vontade e força para movimentar-me, estático sonho. Henri Focillon diz que “a vida das formas do espírito, presente-se logo, não é decalcada da vida das imagens e das recordações. Imagens e recordações bastam-se a si próprias, compõem-se segundo artes desconhecidas, que permanecem interiores. Não têm necessidade de sair desse crepúsculo para serem completas.” (Focillon, 2000, p.75)

O meu interior faz o processo de acumulação e digestão das imagens, algumas escapam, outras provocam, e muitas demoram a aparecer, são tímidas ou simplesmente querem permanecer intocáveis, no escuro do interior dos órgãos, manifestando-se no intocável.

René Huyghe afirma que “a obra é o fruto que se desprende da árvore. Alguns, e com razão, cravar-lhe-ão os dentes gulosos; o fruto serve para isso. Mas outros estudá-lo-ão e, a partir dele, identificarão a árvore de onde caiu, atingindo os mecanismos essenciais da vida.” (Huyghe, 2009, p.137)

O criador, o artista assume o papel da árvore e cada obra é um fruto a descobrir ou degustar, embora, no meu caso, esteja demasiado próximo de mim para decifrar os mecanismos que trabalham no meu interior, embora tenha suspeitas de vislumbrar alguns deles. No meu interior habitam palavras que não consigo escrever nem pronunciar, letras deformadas, algumas apagadas pelo tempo, palavras ardentes em clausura. A escrita e o desenho são luzes sobre o escuro da memória, dão vida a formas latentes, vislumbro a força das figuras, que tendem a mostrar-se a partir do centro de uma folha em branco, como se viessem do olho do vulcão.

Maria Filomena Molder declara:

“os olhos em turvação estão condenados pelas imagens que se acumulam sem libertação possível: não poder ver, não poder ter, para guardar, uma imagem, uma que salvasse (ouvir dizer de novo a palavra que a mãe balbuciou no momento de morrer, como espera o personagem de Para Sempre de Vergílio Ferreira), e alguém fotografava esses olhos: o que é que vemos? O escândalo de um segredo irrepresentável e que a representação fotográfica deixou intacto e intangível na nossa mão e à nossa mão.” (Molder, 1999, p.230)

O olhar registrado, os mesmos olhos que nos olharam toda uma vida, o olhar que nos acompanhou, o olhar que recordamos com saudade, o olhar de uma Mãe que partiu, uma ânsia no peito que sufoca. Evito os pensamentos que me trazem o seu olhar, porque a dor torna-se maior que a saudade. A quantidade de imagens que habitam o meu interior, as palavras que procuro para expressá-las, não encontro, não consigo. Estou perturbado pela perda. A sucessão de imagens e palavras desencadeiam sentimentos indescritíveis, tenho de sossegar o que há muito desassossega.

O pensamento é propriedade da singularidade de cada um de nós, somos o testemunho do que pensamos, alimentamos os pensamentos, ignoramos ou criamos alguma coisa com eles. Usamos os pensamentos como bem entendemos ou conseguimos, ponderamos alguns, outros, porém, provocam a nossa reação. Fecho as pálpebras e começo a imaginar, a sonhar. De olhos arregalados também surgem pensamentos, fico a meditar fora de mim algures num ponto fixo, por momentos o exterior torna-se dispensável, cada vez que tento sair de mim, volto para dentro com mais força. Com os meus pensamentos construo efemeridades, dou-lhes poder, acabo magoado. Tristezas com um toque de desespero. Tento pensar positivo com mentiras alheias, não consigo, devo estar viciado na melancolia do meu mundo cinza. A cinza do pó, que o tempo transforma no regresso à origem.

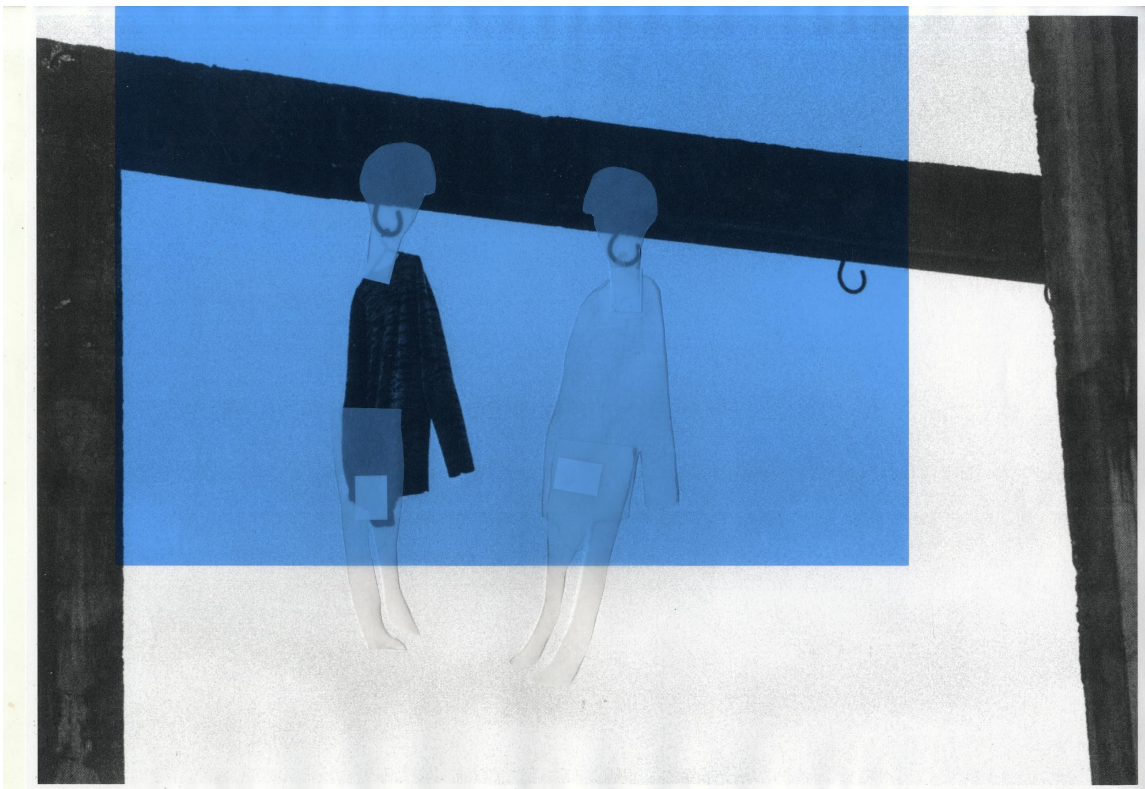
Gonçalo M. Tavares afirma que “quem tem poucas imagens na cabeça tem poucas significações e esta pobreza linguística, esta pobreza de frases e de imagens é uma pobreza de mundo. Estamos perante musculaturas opostas: a realidade perde força definitiva de fim, de última palavra em relação à imaginação. Uma imaginação musculada impede que a realidade defina. Eu tenho ainda algo a dizer. Não é apenas o mundo que fala, eu também falo.” (Tavares, 2013, p.396/397)

Não consigo mentir, tenho as palavras ostracizadas pela fala contida, estão desesperadas por ganhar forma. Uma forma em tons de grito, que sacode a multidão alheia, todos perguntarão de onde virá tal força interior. Estarei eu, após anos de silêncio, a gritar no meio da multidão formatada pelo preconceito. Chega sempre o momento em que o silêncio procura o grito, como um incêndio numa casa em que neva.

A minha cabeça não sofre de défice de imagens, antes pelo contrário, não sei onde poderei colocar tamanha densidade de imagens, muito possivelmente a folha de papel servirá de albergue, ou como estação embrionária enquanto faço uma longa pausa. O meu trabalho avança com um sentimento permanente, um sentimento de falta, uma ausência para a qual não encontro palavras, imagens ou sons para compensar, uma parte de mim foi levada pela perda, hoje vivo com uma falta.

Não basta respirar para estar vivo, preciso de um caminho e de um motivo. Faz tempo que não te vejo.

"Nascemos para o sono,  
nascemos para o sonho.  
Não foi para viver que viemos sobre a terra.  
Breve apenas seremos erva que reverdece:  
verdes os corações e as pétalas estendidas.  
Porque o corpo é uma flor muito fresca e mortal."  
(Hélder, 2019, p.65)



**Fig.22.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018

A fragilidade humana e a necessidade existencial de fazer poesia através das imagens, buscando metáforas e provocações, dando forma às minhas sensibilidades. Pergunto-me de que matéria somos feitos, e se este esqueleto articulado que possuo terá força para prolongar-se algum tempo neste planeta. Ou não será antes uma vida entre o sono profundo e o sonho de ser, quem me garante que existo, quero provas. Talvez os trabalhos que faço vivam um pouco mais que a minha pessoa, penso que isto será um sentimento unânime de quem ama o que faz, ou então uma esperança absurda de eternidade.

Os meus trabalhos são alimentados pelo olhar, por uma mão autônoma, e um cérebro que divaga com o espírito dormente. Não sou vazio, tenho afinidade pelo vazio, pelos lugares inóspitos, onde o silêncio consome tudo, e a imaginação constrói uma narrativa que me faz sonhar. A atenção no meio do silêncio é direcionada para um outro mundo, o interior é embalado como uma criança num baloiço, e as mãos gastas nas nossas costas empurram-nos para a frente.

São gestos repetidos, voluntários e com ritmo, que sobre a folha de papel criam uma dança a dois, o indivíduo enquanto criador é um animal que transcende, não é mais que ninguém, mas tenta superar-se, numa tentativa de despertar do sono. O sono pesado é como um pisa-papéis numa folha de jornal com centenas de anos.

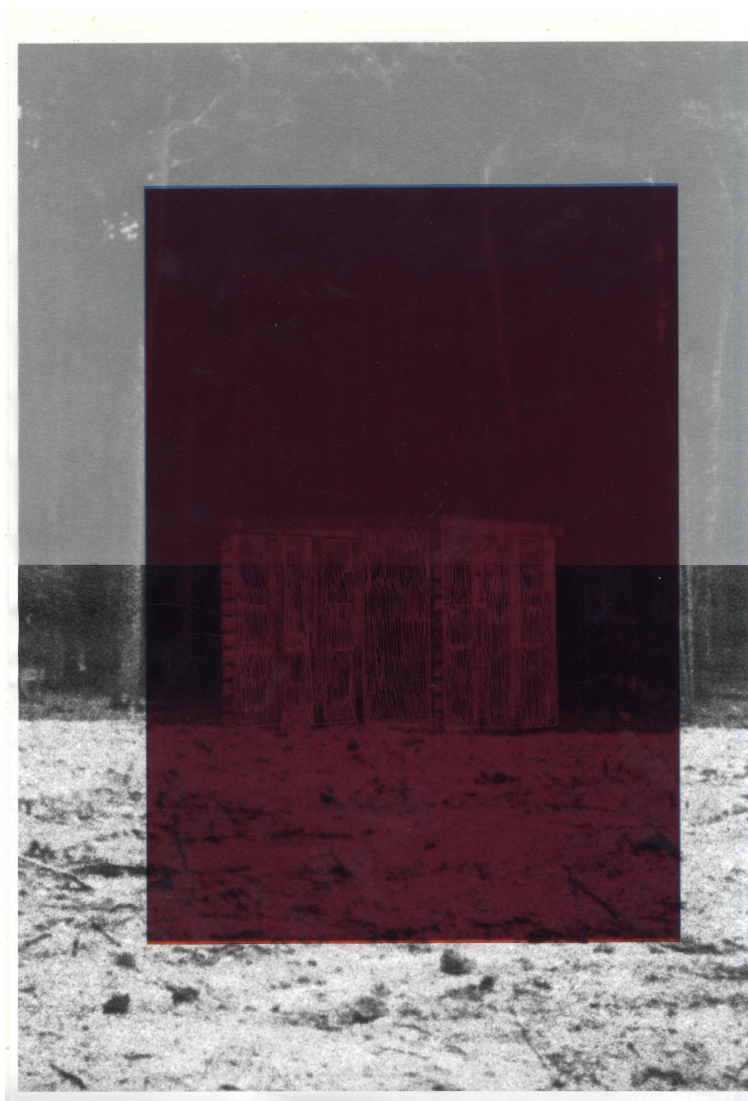
Filomena Molder considera que:

“muitas maneiras há de sonhar o mundo, os ventos que sopram de todos os pontos e que se encontram no extremo e no íntimo desviam frequentemente a sua rota, ventos que separam e dispersam o que estava num lugar, anunciando transformações em todos os reinos. Sonha-se o mundo e uma só nuvem pode levar às lágrimas silenciosas, enquanto caminhamos pela rua habitual, antes de entrarmos na nossa casa.” (Molder, 1999, p.60)

Agrego casas na memória. O meu corpo entorpecido é como uma casa inabitada, a noção de finitude cria debilidades nas estruturas que sustentam as hastes da minha casa. Os hóspedes não têm aparecido.

Os hóspedes são construções do meu ser, eu sou algo em construção, e tenho esta necessidade de construir outras coisas imaginadas, não se constrói apenas casas. São atos contínuos de construção, com pausas e experiências, ao observar os outros vejo a possibilidade de construir-me. A construção de imagens é infinita, através da nossa experiência mental somos capazes de criar uma multiplicidade de imagens, que, à medida que vão surgindo, vão fugindo ou estabelecendo o seu lugar no mundo. Rompendo o olhar do outro, saindo do meu olhar, libertados por uma mão fugidia. A mão é inconstante, é uma parte do corpo que sente de outra forma.

Levanto a mão, peço licença para ausentar-me. Já é tarde e tenho sonho.



**Fig.23.** André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018

## Conclusão

No decurso da escrita deste texto, fui-me apercebendo da dificuldade de explicar o meu trabalho, e sei que não consigo explicá-lo nem compreendê-lo na totalidade. O meu trabalho encontra motivos e razões nas profundezas do meu ser, o que torna o meu trabalho e a minha vida inseparáveis. O futuro do meu trabalho terá um rumo desconhecido, seguirá a minha vontade e as minhas vozes interiores, aceitará os acasos, as danças e as lutas que a vontade e o fazer proporcionarem.

Todo o meu trabalho relaciona-se com as minhas experiências e memórias, é um trabalho íntimo, por isso é sempre delicado abordar e remexer nas recordações e explicar o que nos é sensível, razão pela qual prefiro em grande parte utilizar textos de autores que ilustram bem o que sinto, e assim tornam a minha experiência de escrita menos constrangedora e traumática.

Fico com a impressão da impossibilidade de tirar conclusões sobre o meu trabalho. Qualquer trabalho que faça, terá sempre a sua própria vida e espero sempre que o próximo trabalho me ajude a pensar numa qualquer conclusão que todavia não será nunca definitiva. É um movimento perene, em que espero conseguir escutar alguma coisa na continuação do fazer, para o perceber e perceber-me. Tenho a sensação de transcendência quando elaboro trabalhos, uma frágil imortalidade. Grande parte dos meus trabalhos tem como pano de fundo a sensação de efemeridade, vou elaborando tentativas de escavar no tempo e de retirar o que me resta de vida. Foi duro e difícil escrever esta dissertação, mas fez-me bem tentar desvendar alguns pontos do meu trabalho, através de alguns livros que fui lendo, fui apurando temas fulcrais para a compreensão do meu trabalho, sem nunca o compreender na totalidade. A total compreensão do meu trabalho não é importante para mim, apenas quero continuar a fazer, a pensar e a sonhar. Um trabalho sincero fala por si.

Concluindo, interessa-me continuar a indagar, a percorrer a cidade, a sonhar, observar o que me rodeia e observar-me, continuar a explorar memórias e pensamentos de forma a retirar alguma substância, achar-me no meio do silêncio, desenhar o que a mão sentir, escavar o meu subsolo, tentar cicatrizar algumas feridas, continuar sensível às imagens do mundo e usar a repetição para superar-me. Aceitar a minha vulnerabilidade e efemeridade como parte do caminho a percorrer, e como foi longo este caminho, mas valeu a pena, as deceções e as dores. Quero fazer da minha vida um poema silencioso.

## Bibliografia

- Bachelard, G. (2008). **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes.
- Rodrigo, J. (1982). **O Complementarismo em Pintura / contribuição para a ciência da arte**. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lapa, A. (1994). **Retrospectiva-Centro Arte Moderna**. Lisboa / Porto: Fundação Gulbenkian / Fundação de Serralves.
- Benjamin, W. (2018). **Imagens de Pensamento**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Benjamin, W. (2015). **Linguagem / Tradução / Literatura**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Arendt, H. (2001). **A Condição Humana**. Lisboa: Relógio D'Água.
- Chafes, R. (1998). **Wurzburg Bolton Landing**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Coutinho, L. (2007). **Ana Vieira / O que ocorre nos interstícios da figura?** Lisboa: Editorial Caminho.
- Focillon, H. (2000). **A vida das formas seguido de Elogio da Mão**. Lisboa: Edições 70.
- Huyghe, R. (2009). **O Poder da Imagem**. Lisboa: Edições 70.
- Genet, J. (1988). **O Estúdio de Alberto Giacometti**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pomar, J. (2014). **Temas e Variações / Parte escrita III**. Lisboa: Editora Documenta.
- Foucault, M. (2012). **O que é um autor?** Lisboa: Editora Vega.
- Mullican, M. (2001). **More Details from an Imaginary Universe**. Turim: Hopefulmonster.
- Hatherly, A. (2004). **A Mão Inteligente**. Lisboa: Quimera Editores.
- Pimenta, A. (1998). **As Moscas de Pégaso**. Lisboa: & etc.
- Caldas, M. C. (2009). **Dar coisas aos nomes / Escritos sobre arte e outros textos**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Molder, M. F. (1999). **Matérias Sensíveis**. Lisboa: Relógio d'água.
- Helder, H. (2019). **O Bebedor Nocturno**. Porto: Porto Editora.
- Tavares, G. M. (2013). **Atlas do Corpo e da Imaginação / Teorias, Fragmentos e Imagens**. Lisboa: Editorial Caminho.

Pina, M. A. (2015). **Poesia Saudade da Prosa / Uma antologia pessoal**. Lisboa: Assírio & Alvim.

Martins, J. (2018). **Sombras y Paradojas / El Dibujo de Jorge Martins**. Lisboa: Editora Documenta.

**Forty Are Better Than One**. (2009). Munique, Alemanha: Schellmann Art.

## **Web**

Marquilhas, M. B. (2011). João Penalva. Trabalhos com Texto e Imagem. Obtido de: <https://www.artecapital.net/exposicao-322-joao-penalva-trabalhos-com-texto-e-imagem>(Consultado em 23-06-2018).

## Índice de Imagens

- Fig. 1** - André Ramos, Sem Título, Tinta de Spray sobre parede, dimensões variáveis, 2017. (p. 9)
- Fig. 2** - André Ramos, Sem Título, Tinta de Spray sobre parede, 29 x 42 cm, 2017. (p. 11)
- Fig. 3** - Ana Vieira, Sem Título, 25 x 35 cm, 1973. (p. 12)
- Fig.4** - Matt Mullican, Evolution of Man, Pastel de Óleo sobre tela, 243,8 x 609,6 cm, 2012. (p.13)
- Fig.5** - André Ramos, Sem Título, Tinta de Spray sobre parede, dimensões variáveis, 2017. (p. 14)
- Fig.6** - André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2017. (p. 18)
- Fig.7** - Sol LeWitt, Incomplete Open Cubes, 1974. (p. 19)
- Fig.8** - André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2017. (p. 20)
- Fig.9** - André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm, 2018. (p. 21)
- Fig.10** - André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm, 2018. (p. 21)
- Fig.11** - André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm, 2018. (p. 23)
- Fig.12** - André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm, 2018. (p. 23)
- Fig.13** - André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm, 2018. (p. 25)
- Fig.14** - Jorge Martins, Outros Destinos, Grafite s/ papel, 160 x 120 cm, 2002-2004. (p. 26)
- Fig.15** - André Ramos, Sem Título. Tinta-da-china s/ papel, 21 x 14,8 cm, 2018. (p. 27)
- Fig.16** - Ana Hatherly, Sem Título, Tinta-da-china s/ papel, 65 x 50 cm, 1970. (p. 28)
- Fig.17** - Ana Hatherly, Sem Título. Marcador preto, caneta e colagem s/ papel, dimensões variáveis, 1965-1975. (p. 29)
- Fig.18** - André Ramos, Sem Título, Tinta-da-china, aguarela e grafite s/ papel, 25.2 x 42,5 cm, 2018. (p. 33)
- Fig.19** - André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018. (p. 36)
- Fig.20** - André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018. (p. 38)
- Fig.21** - André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018. (p. 38)
- Fig.22** – André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018. (p.44)
- Fig.23** – André Ramos, Sem Título, Ficheiro Digital, 2018. (p.46)

